

FAMILIARES SOBREVIVENDO AO SUICÍDIO

Tainá Fernandes¹

Rosana Soibelman Glock²

Resumo:

Atualmente o suicídio é considerado como um grave problema de saúde pública. A cada ano, são mais de 800 mil pessoas. Uma quantia maior ainda de indivíduos tem tentado tirar a própria vida. O suicídio acontece com pessoas de todas as idades e classes sociais e também em todos os países. O suicídio é um tipo de morte com um impacto muito negativo e pode ainda ser devastador para seus sobreviventes. Os sobreviventes são aquelas pessoas que perderam seu familiar por suicídio, ou que tenham sido afetados de alguma forma pela morte da pessoa que se suicidou. Neste contexto justificou-se o presente estudo. A família vítima de um ato suicida, precisa de muita atenção, tendo em vista que esses sobreviventes podem desenvolver futuramente transtornos e/ou doenças psíquicas. O objetivo deste trabalho foi analisar as sequelas que o suicídio pode causar em uma família de sobreviventes. Realizou-se um estudo de caso com uma família sobrevivendo ao suicídio. O contato com a família se deu por conveniência e as entrevistas aconteceram na forma de roda de conversa, com roteiro semi aberto a partir das seguintes questões norteadoras: relação familiar antes e após o ato de suicídio, reação dos familiares diante do acontecimento. Quando uma pessoa perde um ente por uma causa tão violenta como o suicídio estes sofrem um luto muito maior do que quando se perde alguém por causas naturais. Segundo o estudo, no momento em que se perde um familiar o luto se dá em etapas, como muitos autores defendem. Assim, observou-se como sendo a primeira fase a negação, onde a família tenta buscar uma razão para tal fato ter ocorrido e ao mesmo nega que este ato possa ter acontecido com um ente tão próximo. No caso do suicídio esta fase se aprofunda ainda mais, muitas vezes apresentando como uma segunda etapa o desencadeamento de depressão ou algum transtorno mental, pois os familiares não admitem o fato de não terem percebido nenhum sinal prévio ao acontecido que o sujeito possa ter demonstrado. A partir deste estudo pode-se perceber que existem diversas maneiras e etapas para sobreviver a um luto originado por um suicídio, e que este ato de tirar a própria vida afeta muito mais que uma família e sim toda uma rede de amigos e comunidade. O familiar após uma perda como esta precisa achar uma maneira de superar e para isso acontecer este precisa encontrar um motivo para este ocorrido. Muitos casos de suicídio podem futuramente levar a outros, pois os entes não encontram motivos para um familiar ter tirado a própria vida e assim ficam inconsoláveis e acabam que se direcionam ao mesmo caminho. Necessita-se de um maior comprometimento com a saúde mental destas famílias, para que assim consigam aceitar este ato de suicídio e não tomarem o mesmo destino, considerando o fato da vulnerabilidade destes após esta perda tão repentina.

Palavras-chave: SUICÍDIO; FAMÍLIA; SAÚDE PÚBLICA

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

FAMILIARES SOBREVIVENDO AO SUICÍDIO

¹ Aluno de graduação. tainaf543@gmail.com. Autor principal

² Docente. rosanaglock@unipampa.edu.br. Orientador

Anais do 9º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - SIEPE
Universidade Federal do Pampa | Santana do Livramento, 21 a 23 de novembro de 2017



FAMILIARES SOBREVIVENDO AO SUICÍDIO

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o suicídio é considerado como um grave problema de saúde pública. A cada ano, são mais de 800 mil pessoas. Uma quantia maior ainda de indivíduos tem tentado tirar a própria vida. O suicídio acontece com pessoas de todas as idades e classes sociais e também em todos os países. Foi elencado com a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo no ano de 2012. O suicídio por si só não afeta apenas o indivíduo mas, sim, toda família, amigos e comunidade, com efeito de luto duradouro pós suicídio (OMS, 2016).

O suicídio é um tipo de morte com um impacto muito negativo e pode ainda ser devastador para seus sobreviventes. Os sobreviventes são aquelas pessoas que perderam seu familiar por suicídio, ou que tenham sido afetados de alguma forma pela morte da pessoa que se suicidou. Entre esses sobreviventes, podem há um grande índice de luto traumático, além de fatores de risco a cometer um suicídio (CFP, 2013). O processo de luto em decorrência de uma morte por suicídio pode ser comprometido e muito mais duradouro, por essa ser uma morte violenta, repentina e na maioria das vezes por causa de conflitos familiares e/ou doenças psíquicas, acompanhado do tabu e do preconceito de muitos (Silva, 2008).

Neste contexto justificou-se o presente estudo. A família vítima de um ato suicida, precisa de muita atenção, tendo em vista que esses sobreviventes podem desenvolver futuramente transtornos e/ou doenças psíquicas. O objetivo deste trabalho foi analisar as sequelas que o suicídio pode causar em uma família de sobreviventes.

2. METODOLOGIA

Realizou-se um estudo de caso com uma família sobrevivendo ao suicídio. O contato com a família se deu por conveniência e as entrevistas aconteceram na forma de roda de conversa, com roteiro semi aberto a partir das seguintes questões norteadoras: relação familiar antes e após o ato de suicídio, reação dos familiares diante do acontecimento.

De acordo com o inciso VIII do Art. 1º da Res. CNS 510/16, o projeto deste estudo de caso não precisou ser previamente avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O processo de consentimento livre e esclarecido foi efetuado antes das entrevistas, realizadas no município de Uruguai, Rio Grande do Sul, em agosto de 2017.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Quando uma pessoa perde um ente por uma causa tão violenta como o suicídio estes sofrem um luto muito maior do que quando se perde alguém por causas naturais. Segundo o estudo, no momento em que se perde um familiar o luto se dá em etapas, como muitos autores defendem. Assim, observou-se como sendo a primeira fase a negação, onde a família tenta buscar uma razão para tal fato ter ocorrido e ao mesmo nega que este ato possa ter acontecido com um ente tão próximo. No caso do suicídio esta fase se aprofunda ainda mais, muitas vezes

apresentando como uma segunda etapa o desencadeamento de depressão ou algum transtorno mental, pois os familiares não admitem o fato de não terem percebido nenhum sinal prévio ao acontecido que o sujeito possa ser demonstrado. No estudo de caso a família aponta que o sujeito nunca havia apresentado nenhum sinal ou nenhuma tentativa prévia de suicídio e que este também não havia nunca sido diagnosticado com qualquer doença ou transtorno psíquico. Também relataram o fato de que não havia aparentemente, na concepção destes, algum problema grave que pudesse levar o indivíduo a cometer tal ato.

No momento da perda caracterizou-se várias reações e vários tipos de aceitações distintas, pois cada pessoa reage de uma forma diante a um acontecimento como este. Logo passado alguns dias tem-se aquele momento de que cada um vive o seu luto, tentando se isolar ao máximo um do outro, para então tentar aceitar a situação e consequentemente lutar contra seu sentimento de dor. Porém, após um tempo relatou-se que os familiares se aproximaram um do outro, tentando melhorar sua forma de convivência revendo muitos fatos e tirando aprendizados a partir desta perda, assim podemos caracterizar a fase da aceitação, onde estes começam a assimilar melhor o acontecido e buscam uma forma de seguir a vida após este, sempre da melhor forma.

A família relatou que nem todos aceitam da mesma forma o suicídio, que alguns de seus entes se colocam em uma posição diferente quanto a julgamentos de tais ações de outros, enquanto uns buscam amenizar a dor e seguir suas vidas, outros não conseguem realizar isso e acabam se encontrando em uma situação difícil pois desencadeiam assim depressão e outros transtornos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo pode-se perceber que existem diversas maneiras e etapas para sobreviver a um luto originado por um suicídio, e que este ato de tirar a própria vida afeta muito mais que uma família e sim toda uma rede de amigos e comunidade. O familiar após uma perda como esta precisa achar uma maneira de superar e para isso acontecer este precisa encontrar um motivo para este ocorrido. Muitos casos de suicídio podem futuramente levar a outros, pois os entes não encontram motivos para um familiar ter tirado a própria vida e assim ficam inconsoláveis e acabam que se direcionam ao mesmo caminho.

Sabe-se que existem muitos projetos realizados pelo sistema de saúde pública, porém ainda não são suficientes. Deve-se destacar a falta de projetos que trabalhem com a família de um indivíduo suicida, a qual merece grande atenção, pois como destacado anteriormente, o sofrimento destes pode gerar outros casos de suicídio. Necessita-se de um maior comprometimento com a saúde mental destas famílias, para que assim consigam aceitar este ato de suicídio e não tomarem o mesmo destino, considerando o fato da vulnerabilidade destes após esta perda tão repentina. Considera-se assim de extrema importância as ações de apoio dirigidas a este público-alvo.

5. REFERÊNCIAS

KRUGER, L.L.; WERLANG, B. S. G.; *A dinâmica familiar no contexto da crise suicida*. Psico - USF, v. 15, n. 1, p. 59 - 70, jan./abr. 2010.

NUNES, F. D. D.; PINTO, J. A. F.; LOPES, M.; ENES, C. L.; BOTTI, N. C. L.; *O fenômeno do suicídio entre os familiares sobreviventes: Revisão integrativa*. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental no.15 Porto jun. 2016.

Organização Mundial da Saúde. *Grave problema de saúde pública, suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo*. [internet]. Brasília, DF: Organização Mundial da Saúde; 2016 [acesso em 20 setembro 2017]. Disponível em:

http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839